

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa
Luciane Lopes Bresciani

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa

Luciane Lopes Bresciani

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

| São Paulo | 2024 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Biegging
Estagiária	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Irina_Timofeeva - Freepik.com
Tipografias	Acumin
Revisão	Edson Leonel de Oliveira
Organizadoras	Emiliana Faria Rosa Luciane Lopes Bresciani

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



3

*Bruna Fagundes Antunes Alberton
Ana Cláudia Fagundes Antunes*

CODA E AS SUAS DUAS LÍNGUAS:

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA
DE MÃES SURDAS**

INTRODUÇÃO: O QUE SIGNIFICA SER CODA?

Este trabalho tem o objetivo de compreender o significado do termo Coda e conhecer experiências de vida de mães surdas. Para compreender o que essa sigla significa, primeiro é preciso traduzir do inglês: *Children of Deaf Adults*, ou seja, crianças que são filhas de pais surdos. Essa terminologia começou a ser utilizada na década de 1980 nos Estados Unidos para designar aquelas crianças que possuíam uma experiência específica em função do contato com dois mundos, surdo e ouvinte.

É importante compreender a experiência dessas crianças na forma como se constituem como sujeitos. Elas vivenciam duas realidades culturais de maneira paralela. De um lado, elas têm contato com o mundo surdo, em razão da convivência com seus pais, fazendo-as adquirir uma cultura marcada principalmente pela língua de sinais, por aspectos culturais surdos e pela comunidade surda. Ao mesmo tempo, as crianças têm contato com o mundo ouvinte, adquirem costumes, cultura e língua oral através da escola e demais ambientes sociais. O principal atributo que diferencia a experiência das crianças Coda das demais é a convivência com uma cultura ouvinte e uma cultura surda.

Para entender o que significa ser um sujeito Coda, é preciso ter em mente que a cultura surda, a língua de sinais e a experiência visual se relacionam de uma maneira específica. Como pontua Skliar (2012), a criança Coda está em contato com dois mundos, sendo preciso compreender sua experiência a partir do trânsito vivenciado entre tais realidades. De um ponto de vista, o Coda vivencia o mundo surdo como usuário da língua de sinais, compreendendo a experiência visual dos pais e os aspectos culturais que marcam a comunidade surda. Por outro lado, é usuário de uma língua oral-auditiva,

sendo considerado um sujeito bilíngue. O contato com essas duas realidades culturais faz com que exista um movimento constante entre duas maneiras de experienciar o mundo.

Há um mundo no qual o sujeito Coda vive suas experiências, um mundo que já está aí e que atravessa sua experiência. Dizer que o sujeito Coda vive entre dois mundos significa afirmar que sua experiência se constitui no contato e comunicação com as pessoas surdas através de Libras e através da fala com pessoas ouvintes. Nos questionamos como se constituem estas experiências que possuem tanto elementos particulares quanto comuns àqueles que habitam entre estes dois mundos. Nomeamos de 'dois mundos' diante da diferença que parece existir entre eles e que, ao mesmo tempo, institui modos específicos de experienciar o contato consigo mesmo e com os outros (Oliveira *et al.* 2022, p. 3).

Desde o nascimento, as crianças Coda têm contato com a língua de sinais, sendo esta a sua primeira língua. Imersas em uma experiência visual no contato com seus pais, elas adquirem a linguagem em uma modalidade visual-espacial. Por serem ouvintes, elas também estão expostas aos *inputs* linguísticos da língua oral, o que as torna bilíngues. O contato com a língua oral ocorre a partir do contato com os demais familiares ouvintes, na escola que frequentam, no contato com vizinhos e nas diversas situações sociais em que os Coda possam estar imersos. Além disso, por meio da televisão, rádio, internet, e todas as situações em que as informações sonoras tenham significado, a criança irá desenvolver a compreensão dos sons e da língua oral. Todavia, sempre estará exposta também à experiência visual dos pais surdos.

Outro aspecto relevante na compreensão da experiência desses sujeitos é a biculturalidade, ou seja, a exposição a duas culturas desde o nascimento. Ao observar os pais, desenvolvendo-se em meio à comunidade surda, a criança irá trocar informações que dizem respeito a essa comunidade e aos seus participantes.

Em contrapartida, o contato com a sociedade ouvinte irá trazer ao sujeito costumes e sentidos segundo o contexto das pessoas ouvintes. Certamente existem várias características que tornam cada uma das culturas em questão realidades que possuem sua riqueza e complexidade. Logo, conhecer e vivenciar ativamente essas duas culturas é o que chamamos de marca bicultural dos sujeitos Coda. No contato com os pais, com os amigos surdos de seus pais, com a comunidade surda e frequentando espaços onde há encontro de pessoas surdas, como as associações de surdos, a criança irá desenvolver suas habilidades linguísticas.

A noção de cultura aqui utilizada entende que os sujeitos dão sentido ao mundo de acordo com suas vivências e desejos e se relaciona com a construção da identidade dos grupos sociais. Como a cultura dos surdos está vinculada à língua de sinais e à experiência visual, entende-se que o Coda tem um tipo específico de relação com esses signos, por ser também partícipe da cultura ouvinte. Os Coda possuem a forma diferente dos surdos de se apropriar da leitura e da escrita, por exemplo.

E o que significa ter uma pessoa ouvinte que participa de modo tão próximo da cultura surda? Significa que, por meio da língua de sinais, os Coda desenvolvem uma experiência visual que os permitem compreender o modo de vida dos surdos, realizando trocas de informações relevantes e, assim, moldar uma identidade cultural específica. O desenvolvimento intelectual desses sujeitos ocorre entre duas culturas, todavia o contato com os pais surdos e a comunidade surda desempenha um papel determinante na forma como eles entendem o mundo. A troca de informações no ambiente da família, sendo realizada em língua de sinais, coloca em contato duas culturas e duas formas de entender o mundo.

A EXPERIÊNCIA DAS MÃES DE CRIANÇAS CODA

A partir de agora, apresentaremos experiências de duas mães surdas com seus filhos ouvintes, resgatando suas narrativas e perspectivas em relação à maternidade. Serão apresentadas três vivências, sendo os filhos um menino de 12 anos (Coda 1) e sua irmã de 8 anos (Coda 2), e, de outra mãe, uma menina que é filha única e tem 6 anos (Coda 3). As vivências em relação à criação dos filhos foram compartilhadas por nós, autoras deste texto, enquanto mães de crianças ouvintes, dando exemplos sobre a especificidade de seu desenvolvimento.

O primeiro relato indica que o casal surdo optou por deixar que a criança percebesse naturalmente a diferença que estava envolvida no contexto familiar. É relatado que o casal nunca chamou a atenção dos filhos para o fato de eles serem surdos, pois não acharam conveniente que a surdez fosse explicada a eles. Mesmo assim, percebeu-se que muito cedo a criança já dava indícios de que compreendia bem a diferença dos pais.

Em relação à Coda 3, o exemplo que se destaca é que, ainda bebê, por volta dos 3 ou 4 meses, a menina já demonstrava tentativas de comunicação através de toque para chamar os pais. Durante a noite, com o berço posicionado junto à cama dos pais, o bebê começou a chamar a atenção com toques, usando as mãos e os pés, para que os pais da criança despertassem. Essa percepção é relatada em relação às três crianças, sugerindo que a construção de uma experiência significativa em relação à comunicação com os pais já estava presente desde muito cedo.

É perfeitamente possível que os pais surdos usem a língua de sinais para conversar com seus filhos desde bebês. Mesmo sendo ouvintes, eles conseguem acompanhar visualmente e se adaptar

à língua de sinais. Por exemplo, mostra-se um copo d'água e faz-se o sinal de água. Repetindo o sinal, a criança se apropria dessa informação. Percebeu-se que, por volta dos 9 meses de vida, o bebê Coda 1 já sinalizava ÁGUA¹⁰. A sinalização era produzida sem a intervenção dos pais no sentido de corrigir o bebê. Entendeu-se não ser necessário corrigir a criança, pois ela aprende naturalmente. No caso de Coda 1, ele cresceu e passou a sinalizar ÁGUA corretamente. Algo similar ocorre com um bebê ouvinte, que produz balbucios e eventualmente aprende a forma adequada de falar. Ele produzia os sinais de ÁGUA, de MAMÃE¹¹ e de PAPAI¹². Temos registro fotográfico dos três sinais.

Figura 1 - Representação dos sinais produzidos pelos Codas 1 e 2



Fonte: Registro das autoras (2023).

As crianças tinham consciência de que os pais eram pessoas surdas, apesar de não falarem muito sobre o assunto. No convívio cotidiano, era natural a forma como se comunicavam

- 10 A mãe surda faz o sinal de água usando uma configuração de mão diferente, porém, na mesma locação e mesmo movimento do sinal de água, indicando que a criança produzia um balbucio.
- 11 Mostra como a criança balbuciava, ao manter a configuração de mão e movimento e variando na locação.
- 12 O sinal era produzido em um local próximo do sinal da Libras, mas variava em relação à configuração de mão.

em Libras, utilizando somente os sinais sem o apoio da oralização. Não gritavam, não utilizavam a voz de nenhuma maneira para chamar a atenção, apenas tocavam nos pais quando queriam a atenção deles. Quando o forno de micro-ondas disparava o alarme, avisavam os pais, bem como em momentos triviais como um avião passando no céu e fazia barulho. Quando tinham fome, quando estavam sentindo algum mal-estar ou quando desejavam sair para passear, sinalizavam normalmente aquilo que precisavam.

Refletir sobre a convivência em uma família cujos pais são surdos e os filhos são ouvintes requer compreender que os sons e a visão estão em uma relação diferenciada. Em relação à Coda 3 foi verificado que a percepção em relação à surdez dos pais ocorreu também muito cedo. Houve uma situação em que a criança, na época com 1 ano de idade, estava no quarto dormindo quando, no cômodo ao lado, uma xícara caiu e se despedaçou, gerando um barulho alto. Apesar do som alto, a criança continuou a dormir. Sugere-se que o bebê já havia internalizado a forma dos pais de lidarem com os sons e, por isso, não foi dada importância para o ocorrido.

Quanto ao uso da comunicação oral com pessoas ouvintes com quem a criança tem contato, seja na escola, na rua ou os familiares ouvintes, como tios, avós, *etc.*, verificou-se que, nos três casos, as crianças Coda desenvolveram muito cedo as habilidades comunicativas. Os sujeitos aprenderam a conversar com fluência e adquiriram as estruturas adequadas na Língua Portuguesa. O bilinguismo que eles vivenciam permite o rápido desenvolvimento da atenção tanto visual como auditiva. Os avós das crianças moram em locais distantes, por isso foi preciso que utilizassem videochamadas para manter contato e conversar, o que fizeram com facilidade. Com o passar do tempo, viu-se que desenvolveram habilidades comunicativas suficientes para conversar normalmente com qualquer pessoa, mesmo fora do convívio familiar, não sendo necessário uma atenção maior para que aprendessem a falar em português.

Em função dessas questões, afirma-se novamente que são crianças com uma vivência bilíngue e bicultural.

Quanto às habilidades em língua de sinais, percebeu-se que as crianças desenvolveram maior fluência em língua de sinais por volta dos 3 ou 4 anos. Apesar de ainda não serem alfabetizadas, já conheciam o alfabeto datilológico, embora não pudessem ainda formar palavras. Foi nesse período também que se verificou que os sujeitos utilizaram estratégias para descrever aquilo que não havia ou quando o sinal era desconhecido por eles. Para fazer essas descrições, eram utilizados gestos, classificadores, expressões faciais e corporais. Um exemplo foi quando Coda 3 queria comunicar sobre um desenho animado que não possuía sinal específico. A estratégia utilizada foi a descrição detalhada e rica em imagens para se fazer compreender.

MUNDO OUVINTE/ESCOLA/SOCIEDADE OUVINTE/LÍNGUA PORTUGUESA

Percebeu-se que Coda 3 possui um alto nível de consciência sobre o contexto vivenciado pelos pais surdos. Isso se evidenciou nas reuniões de pais na escola, na qual a criança demonstra se sentir mais tranquila quando há intérprete de Libras para que os pais acompanhem o que é discutido. Ela visivelmente se sente satisfeita quando os pais podem participar da reunião. Outro aspecto é a segurança que Coda 3 demonstra quando apresenta os pais aos colegas de aula, informando a todos que seus pais são surdos e que há a presença de um intérprete de Libras. Ela também se mostrou animada em ensinar alguns sinais básicos para os colegas, como OI, EU AMO VOCÊ e TCHAU, algo que foi bem recebido por eles.

Quanto à Coda 1 e Coda 2, destaca-se o exemplo do dever de casa. Os dois sujeitos pedem ajuda para realizar as tarefas da escola, sendo que a escrita em Língua Portuguesa é muito importante para eles. Comprendemos que, em algumas famílias, os pais surdos não dão a devida atenção a esse momento de ajuda nas tarefas, preferindo pagar aulas de reforço ou transferir essa responsabilidade para algum outro familiar ouvinte.

CODA COMO SUJEITO BILÍNGUE E BICULTURAL

É interessante perceber que as crianças aqui analisadas, quando vão visitar algum familiar, sentem-se à vontade para conversar em Português e em Língua de Sinais, fazendo a mudança de registro de forma natural. Da mesma forma, quando visitam a associação de surdos, fazem-no com tranquilidade, aceitando sem ressalvas o programa ao lado dos pais. Expressam que gostam de conversar em língua de sinais e que se divertem com outras crianças Coda que também frequentam esse espaço.

São crianças adaptadas a essa diferença de culturas. São, portanto, biculturais, pois transitam pelas culturas surda e ouvinte com facilidade. Fazem amizades com ouvintes e com surdos, desenvolvendo consciência dos contextos de cada espaço e adaptam sua forma de falar, escolhendo a língua mais apropriada para cada situação. São bastante observadoras e curiosas, algo que se verifica quando observam os adultos conversando entre si e eventualmente desconhecem algum sinal. Em uma situação, por exemplo, Coda 3 não conhecia o sinal do clube Sogipa, que apareceu em uma conversa entre adultos. Ela perguntou o que o sinal significava.

Em alguns momentos, os pais precisam ter cuidado ao conversar certos assuntos em suas presenças, pois os filhos são muito observadores. Por isso, em vários momentos é preciso sinalizar de maneira “disfarçada” para manter a conversa apenas entre os adultos.

Por fim, destaca-se que a maneira como as crianças Coda se comunicam em língua de sinais é diferente das demais pessoas ouvintes, expressando naturalidade e leveza na forma de sinalizar. Enquanto um aprendiz ouvinte de língua de sinais geralmente irá utilizar os sinais de maneira não contextualizada, os Coda são capazes de utilizar os sinais de maneira adequada à situação de comunicação, conforme apontado por Quadros e Karnopp (2004) e Brito (1995).

MEDIAÇÃO/TRADUÇÃO

É comum que os Coda assumam o papel de intérprete de língua de sinais desde muito cedo. Esse fato, apesar de ser algo a ser encarado com muita cautela, é algo relatado por filhos ouvintes de pais surdos como uma decorrência natural do desconhecimento sobre a surdez e pela falta de opções dos Coda a não ser assumir esse lugar de mediação. Em diversas situações, as pessoas ouvintes têm a tendência a se dirigir à criança pelo simples fato de ela ser ouvinte, ignorando se tratar de uma criança. Mesmo na escola em que os Coda estudam, quando os professores precisam falar com os pais desses alunos, solicitam a mediação das crianças na comunicação.

Em uma situação ocorrida com a Coda 3, duas colegas da escola foram fazer uma visita e, em determinado momento, queriam comer pipoca. Coda 3 ensinou-lhes a dizer em Libras aquilo que desejavam e, depois de um tempo de treino para que sinalizassem corretamente, as colegas conseguiram pedir o que queriam em Libras, dispensando a mediação/tradução.

São nas convivências, no cenário cotidiano, que os sentidos e as operações tradutórias vão sendo exigidas dos sujeitos envolvidos nas relações de grupo, desafiando linguagens e articulando a língua dentro dos laços culturais. Os Coda, desde a sua tenra idade, aprendem que nem sempre o princípio de equivalência linguística é possível, trata-se de mundos diferentes e que tornam abissais as diferenças (Quadros; Massutti, 2007, p. 248).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, é preciso lembrar que as experiências das crianças Coda são diversas, sendo impossível prever como a identidade de cada criança irá se constituir. Seja em razão das características da família ou da própria criança, muitas são as formas de vivenciar esse contato entre duas culturas e articular os dois mundos. Citamos uma reflexão compartilhada por Lucas, um Coda que relata sua experiência como filho de pais surdos: *Para mim é impossível resumir em poucas palavras o que significa ser Coda. São tantas as situações, tantas as experiências. Mas, resumidamente, posso dizer que é sempre um motivo de orgulho para mim estar junto aos surdos, frequentar a associação nas sextas-feiras e estar junto com essa comunidade.*

REFERÊNCIAS

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

OLIVEIRA, Ana; JOCA, Terezinha; MUNGUBA, Marilene; BLOC, Lucas. Entre “Dois Mundos”: A Experiência Viva do Sujeito CODA. **Revista Educação Especial**, v. 35, 2022.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller; MASSUTTI, Mara. Cotas brasileiros: Libras e Português em zonas de contato. *In*: QUADROS, Ronice Müller; PERLIN, Gladis (Org.). **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. *In*: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 7-32.